

## “Eu sou 40”: o pragmatismo na análise da adesão de Ana Paula Valadão à candidatura de Marina Silva<sup>1</sup>

Hugo Rafael Rocha

Universidade Federal de Minas Gerais

### Resumo

O objetivo deste artigo é analisar o potencial de contribuição do pragmatismo, à luz dos teóricos John Dewey e George H. Mead, para a compreensão do acontecimento da adesão pública da celebridade evangélica Ana Paula Valadão à campanha de Marina Silva para a presidência do Brasil, em 2014. Pretendemos também perceber as reverberações desse acontecimento no público e na tessitura social brasileira.

**Palavras-chave:** Acontecimento; celebridade; pragmatismo; Ana Paula Valadão; Marina Silva.

### 1 INTRODUÇÃO

*Envie teu povo para toda parte desta sociedade e nós ousadamente declaramos que iremos sim para aquela área mais temida das trevas para que a nossa invasão venha mudar a história. Nós estamos indo Satanás para a política brasileira e as portas do inferno não prevalecerão contra a igreja do Senhor. Sai, vai pra fora Igreja, vai para os lugares mais escuros enviar a tua luz, é chegada a tua hora, é chegada a hora da igreja.*

O trecho acima foi extraído de vídeo publicado no Youtube<sup>2</sup> em meio ao processo eleitoral de 2014. A fala, da cantora evangélica e pastora Ana Paula Valadão, líder do grupo musical Diante do Trono, foi dita durante culto evangélico na Igreja Batista da Lagoinha, em Belo Horizonte, da qual a cantora faz parte. No ano passado, o Brasil viveu um dos processos eleitorais mais acirrados na disputa presidencial desde a reinstauração da democracia com o fim da ditadura militar.

O episódio que ocasionou a morte do presidente Eduardo Campos, então candidato pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), trouxe para o cenário eleitoral, naquele momento polarizado entre os candidatos Aécio Neves (PSDB) e Dilma Rousseff (PT), a ex-senadora Marina Silva, que havia começado o processo de campanha como candidata a vice-presidente na chapa do PSB. Evangélica da Assembleia de Deus, igreja que cresceu expressivamente no país a partir da década de 1960 – período que marca uma reconfiguração do campo religioso brasileiro –, Marina Silva conseguiu promover, no

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Ana Paula Valadão faz oração pela política. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=4cK-Gr\\_pj7o](https://www.youtube.com/watch?v=4cK-Gr_pj7o). Acesso em 1 jul 2015.

período da sua candidatura, uma mobilização que consideramos sem precedentes entre o eleitorado evangélico brasileiro, cooptando o apoio formal de diversas denominações e lideranças e, de forma expressiva, de artistas e músicos do meio cristão evangélico, unidos sob o gênero gospel.

Nesse contexto, no qual circulou o vídeo de cujo trecho citado na abertura foi extraído, partimos da hipótese de que Ana Paula Valadão assumiu papel relevante nessa mobilização de adeptos de denominações evangélicas, ao declarar e recomendar, publicamente, o voto em Marina Silva. Tomando como ponto de partida o conceito de acontecimento, do sociólogo francês Louis Quéré, pretendemos analisar o potencial de contribuição das teorias pragmatistas, pelo viés dos teóricos norte-americanos John Dewey e George Herbert Mead, para percepção e compreensão da adesão pública de Ana Paula à campanha de Marina Silva e suas reverberações no público e na tessitura social, com foco nas eleições de 2014.

Da perspectiva de Louis Quéré, além da visada sociológica sobre a temática do acontecimento, será de grande valia para esta análise a abordagem praxiológica da comunicação, defendida pelo autor francês e também com fortes raízes nos teóricos pragmatistas. A respeito desses, a noção de experiência de Dewey poderá nos ajudar a entender a apropriação do acontecimento pelos sujeitos sociais por ele afetados; Mead nos auxiliará na compreensão de como os gestos significativos, a reflexividade e a mútua afetação costuraram as trocas simbólicas e resultaram na configuração das trocas comunicativas que se deram no desenrolar do fenômeno de caráter acontecimental. Essas perspectivas complementares demonstram parte da abordagem que pretendemos desenvolver ao olhar para interações entre Ana Paula Valadão e seus públicos durante a campanha de Marina Silva em publicações feitas em sua página oficial no Facebook.

Para subsidiar a análise aqui proposta, pretendemos discutir a base pragmatista do conceito acontecimento e suas apropriações no campo da Comunicação Social, incluídos os estudos acerca das celebridades. Nos tópicos a seguir, para dar início à articulação aqui proposta, vamos revistar esses conceitos.

## **2 ACONTECIMENTO, PRAGMATISMO E O ESTUDO DAS CELEBRIDADES**

### **2.1 Acontecimento: uma visada praxiológica**

Além dos acontecimentos espontâneos, como o acidente que resultou na morte de Eduardo Campos, somos confrontados diariamente também com acontecimentos que são previamente organizados e planejados, como o lançamento de uma candidatura, por exemplo. O termo acontecimento é capaz de suscitar diversas percepções e/ou definições;

no entanto, neste trabalho, utilizamos como referência o viés do sociólogo francês Louis Quéré (2005), para quem o acontecimento é aquele fenômeno capaz de se destacar em relação a outras ocorrências, rompendo a sensação de normalidade no correr das coisas, no cotidiano. Nessa perspectiva, há aqueles “que são mais marcantes, ao ponto de poderem tornar-se referências numa trajetória de vida, individual ou colectiva, na medida em que correspondam a experiências memoráveis e, até mesmo, a rupturas ou a inícios. (QUÉRÉ, 2005, p.59)

Para compreender esse potencial de ruptura que Quéré remete ao acontecimento é preciso considerar a presença do sujeito: a novidade que o acontecimento suscita só pode existir na interação com alguém, na afetação que esse acontecimento pode causar no sujeito. Nas palavras do autor, “o verdadeiro acontecimento não é unicamente da ordem do que ocorre, do que se passa ou se produz, mas também do que acontece a alguém” (QUÉRÉ, 2005, p. 61).

Nesse ponto, é preciso considerar o paradigma praxiológico da comunicação, por meio do qual o processo comunicativo não é visto como mera transferência, mas como construção conjunta de sentidos na interação. Nesse sentido, é preciso perceber o sujeito não como um ser que apenas sofre as afetações causadas pelo acontecimento. Frente ao acontecimento, esse sujeito é passível, como destaca Quéré (2005), mas não passivo: ao afetar uma pessoa, o acontecimento suscita também respostas e reações. Como destacam França e Almeida (2008):

Em face do acontecimento, os sujeitos se colocam em exame, problematizando as percepções que têm de si mesmos e do mundo, tensionando e atualizando juízos e pontos de vista. Sujeitos não apenas sofrem um acontecimento: eles o enfrentam e oferecem respostas, transformando-se e transformando sua visão de mundo a partir da confrontação estabelecida (FRANÇA; ALMEIDA, 2008, p. 6).

A leitura dos autores acerca do viés de acontecimento proposto por Quéré ajuda a construir a concepção que guiará a análise proposta neste artigo. Para mensurá-lo, então, é preciso verificar “aquilo que de fato ele traz como potencial de mudança, e pela maneira como se insere no domínio da vida e das práticas sociais.” (FRANÇA; ALMEIDA, 2008, p. 20)

## **2.2 Pragmatismo: acontecimento e experiência**

Como já destacamos no início deste trabalho, a concepção acontecimental de Quéré está enraizada em concepções do pragmatismo – perspectiva filosófica cujo objetivo é compreender as condições de criação do pensamento -, que também contribuiu para a construção da abordagem interacional e relacional da comunicação. De acordo com

Ghiraldelli (2007), “a idéia inicial do pragmatismo era a eliminação dos dualismos característicos da metafísica, como realidade e aparência, corpo e mente, sujeito e objeto, etc” (*ibidem*, p. 16).

De origem grega, a palavra *pragmatismo* se aproxima do vocábulo *práxis* (ação, prática, ato de fazer). E, de fato, é este o fio que vai perpassar toda a abordagem da corrente: o pragmatismo seria uma perspectiva filosófica que se baseia no valor da ação; da prática como constituidora dos sujeitos, das ideias, do significado, do tecido social, do mundo. A verdade não estaria mais no “mundo das ideias” (como pregava a metafísica), mas surgiria em função da ação, da prática – e seria essa a força propulsora do viver social. No pragmatismo, a ótica está sobre a ação dos sujeitos a fim de entendê-los, uma vez que o inconsciente é inacessível ou insuficiente para fornecer explicações. (DORNELAS, 2013, p. 5-6)

Entre os autores pragmatistas, destacamos neste artigo os trabalhos de John Dewey e George Herbert Mead, “responsáveis por incorporar as reflexões do pragmatismo no campo da Sociologia e das ciências humanas, sedimentando o terreno para o desenvolvimento da Escola de Chicago” (SIMÕES, 2014, p. 174).

A articulação entre acontecimento e experiência, também destacada por Simões (2014), é essencial para a reflexão que pretendemos desenvolver aqui. Para Dewey (2010), a comunicação é fundadora da experiência, que, por sua vez, é resultado da interação estabelecida entre o ser vivo e algum aspecto do mundo. Na concepção do autor, “a experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver” (*ibidem*, p.109). Ao se empenhar em uma ação, o autor defende que o ser-humano, em consequência dessa mesma ação, fica sujeito a algo, como no exemplo da pedra (*ibidem*, p. 122):

Um homem faz algo: digamos, levanta uma pedra. Em consequência disso, fica sujeito a algo, sofre algo: o peso, o esforço, a textura da superfície da coisa levantada. As propriedades assim vivenciadas determinam a ação adicional. A pedra pode ser pesada ou angulosa demais ou insuficientemente sólida; ou então, as propriedades vivenciadas mostram que ela se presta para o uso a que se destina. O processo segue até emergir uma adaptação mútua entre o eu e o objeto, e essa experiência específica chega ao fim. O que se aplica a esse exemplo simples é aplicável, em termos da forma, a todas as experiências.

A experiência, então, para Dewey, se constituiria entre esse agir e esse sofrer, que, por sua vez, acabam por orientar ações futuras. Na perspectiva de Simões (2014), esses desdobramentos indicam “o papel transformador do sujeito e do mundo” (p. 175) por meio da experiência vivida.

Ainda nessa mesma perspectiva relacional, outro importante autor pragmatista, George Herbert Mead, também considera “a experiência como um processo vital dos seres vivos, que inclui as ações destes em relação ao meio ambiente” (Simões, 2014, p. 174). Por isso

mesmo, a experiência não pode ser pensada de forma independente do contexto dos indivíduos e, tampouco, desarticulada de suas ações racionais e emocionais. Dessa forma, a experiência

[...] se desenvolve como um processo de percepção e interpretação das coisas, que se efetiva a partir de um repertório existente, o qual é atualizado, configurando um processo interativo entre os indivíduos, as coisas do mundo e as temporalidades que marcam um contexto (SIMÕES, 2014, p. 175).

As percepções acerca da experiência aqui trazidas são fundamentais para entender o sentido de acontecimento na perspectiva pragmatista de John Dewey, que incidem de forma consistente na construção conceitual de Louis Quéré (SIMÕES, 2014). Destaca a autora:

Assim, podemos dizer que, para esses pragmatistas, o acontecimento é uma emergência na experiência, um existente saliente que irrompe em um contexto e neste sofre mudanças e contingências. Ele emerge no presente e, com isso, constrói tanto um passado como um futuro – revelando a dimensão temporal que lhe é constitutiva. (*ibidem*, p. 176)

Essa visão é partilhada por Quéré (2005), para quem, por meio do acontecimento, pode-se perceber um contexto e também a dimensão do passado que passa a ser evocada ou surge por meio dele. Para o autor, esse passado, relativo ao acontecimento, é exclusivo dele e da “maneira pela qual ele é percebido, identificado e descrito” (p. 62).

Na clássica obra *Mind, self and society*, Mead (1934) também já direcionava seu olhar para essa dimensão relacional dos atos sociais e propunha três eixos de reflexão sobre esses atos: o gesto (ou ação), a resposta a esse gesto e o fator resultante. Em relação ao processo comunicativo, o autor considera essencial que um símbolo desperte em uma pessoa aquilo que desperta em outra. Essa perspectiva exemplifica parte da abordagem que pretendemos trabalhar ao observar a interação entre Ana Paula Valadão e seus fãs durante a campanha de Marina Silva em algumas publicações no Facebook.

### **2.3 Celebidades e acontecimento**

O acontecimento, por meio da leitura de Louis Quéré, tem se demonstrado profícuo para análises dos mais diversos objetos de estudo no campo da comunicação (Simões, 2014). A constituição das celebridades é um dos fenômenos que tem tomado esse conceito como ponto de partida para reflexão. Uma das contribuições, ressaltada por Simões (2011), diz respeito à importância de considerar um processo relacional na construção da imagem pública de uma celebridade. Para a autora, “é na interlocução entre mídia e sociedade que a imagem pública é constituída, controlada e atualizada” (*ibidem*, p. 6-7).

Reconhecidas pelo público, as figuras públicas – como atores, músicos e esportistas – têm ganhado, de forma cada vez mais frequente, a companhia de personagens ligadas à religião,

como é o caso da cantora gospel Ana Paula Valadão. Na perspectiva de Marshall (1997 *apud* SIMÕES, 2009), celebridades são as figuras públicas que ocupam o espaço de visibilidade da mídia e cuja construção se dá por meio do discurso. Simões (2009) defende que não se deve pensar as celebridades como “entidades pré-estabelecidas”. Por meio da perspectiva relacional da comunicação, as celebridades se constituiriam em diversas interações, que envolvem as próprias celebridades em potencial, os indivíduos, a mídia e o contexto social onde “se localizam aqueles atores sociais que alçarão o lugar da fama” (SIMÕES, 2009, p. 76).

No livro *Celebridades no Século XXI: transformações no estatuto da fama*, França (2014) destaca que o termo “celebridade”, utilizado para classificar pessoas, “conota um fenômeno contemporâneo, e se refere a um processo mais superficial e passageiro” (p. 19). Conhecimento, reconhecimento e culto seriam alguns dos sentidos ligados à celebridade, na concepção da autora, para quem o conceito “diz de alguém que se torna conhecido por muitas pessoas, reconhecido por aquilo que é ou faz, cultuado enquanto uma certa excepcionalidade digna de admiração e reverência” (ibidem, p. 19).

Feitas as revisões conceituais necessárias para subsidiar a atividade proposta, passaremos no tópico seguinte à análise, por meio de publicações no Facebook, da adesão pública de Ana Paula Valadão à candidatura de Marina Silva.

### **3. ANA PAULA VALADÃO: #COQUETANAMODA**

No dia 13 de agosto de 2014, o avião que levava o candidato à presidência do Brasil pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), Eduardo Campos, do Rio de Janeiro a Santos caiu na cidade do litoral paulista, ocasionando a morte do presidenciável e de outras seis pessoas<sup>3</sup>. Esse acontecimento trouxe um cenário de questionamentos acerca do panorama eleitoral de disputa pela presidência da República, polarizado entre Aécio Neves (PSDB) e Dilma Rousseff (PT), em que Eduardo Campos aparecia como uma terceira via: Marina Silva, então vice na chapa do PSB, assumiria a candidatura ou o partido indicaria outro nome?

Esse acontecimento suscitou uma sequência de outros acontecimentos: três dias após o acidente, Marina Silva aceitou ser a candidata pelo PSB e autorizou que o partido abrisse consulta interna acerca da sua indicação<sup>4</sup>. No dia 20 de agosto, o nome da ex-senadora pelo

<sup>3</sup> Eduardo Campos morre em acidente de avião em Santos (SP). Disponível em: <http://eleicoes.uol.com.br/2014/noticias/2014/08/13/eduardo-campos-estava-no-aviao-que-caiu-em-santos.htm>. Acesso em 1 jul 2015.

<sup>4</sup> Marina aceita substituir Campos e autoriza consulta ao PSB sobre candidatura . Disponível em: <http://noticias.r7.com/eleicoes-2014/marina-aceita-substituir-campos-e-autoriza-consulta-ao-psb-sobre-candidatura-15082014>. Acesso em 1 jul 2015.

Acre foi oficializado como cabeça de chapa, tendo como vice o então deputado Beto Albuquerque (PSB-RS).<sup>5</sup>

Seis dias após a oficialização da candidatura de Marina Silva, em sua página oficial no Facebook, a cantora gospel e pastora evangélica Ana Paula Valadão publicou foto com um penteado estilo coque<sup>6</sup>, fazendo alusão ao mesmo penteado utilizado pela ex-senadora, também evangélica, ligada à igreja Assembleia de Deus, denominação na qual o uso do penteado é comum entre as fiéis. A foto foi acompanhada da seguinte legenda: “Em homenagem à minha candidata (oro para que ela seja minha futura presidente!) Hoje vou assistir e orar pelo debate na Band às 22h. #Marina #40 #SouMarina40 #EuEMarina40 #NãoVouDesistirDoBrasil”.

No tópico a seguir, daremos início à análise da interação estabelecida entre Ana Paula Valadão e seus públicos, tendo como foco a publicação acima mencionada. Para isso, vamos utilizar a importante leitura feita pela pesquisadora Thamy Pogrebinschi (2005) de obras dos autores pragmatistas, elencando como categorias de análise três elementos apontados por ela como os formadores do núcleo comum do pragmatismo: o antifundacionalismo, o consequencialismo e o contextualismo (p. 26-62).

### **3.1 Núcleos do pragmatismo: categorias de análise**

#### ***3.1.1 Antifundacionalismo***

O antifundacionalismo, na leitura de Pogrebinschi (2005) poderia ser definido como a rejeição dos pragmatistas ao estabelecimento de verdades, ou seja, a oposição a todo e qualquer princípio permanente ou dogma. Para o pragmatismo, verdades e certezas só tomam corpo e são legitimadas na experiência dos sujeitos. Nessa perspectiva, a publicação de Ana Paula Valadão descrita na abertura deste capítulo, a despeito de ter sido feita em uma página destinada a divulgar uma artista evangélica, despertaram reações diversas, de acordo com a experiência de cada sujeito. A publicação em que declara publicamente seu voto em Marina Silva foi curtida mais de 16 mil vezes, compartilhada 736 e deu origem a centenas de comentários.

---

<sup>5</sup> Marina Silva é confirmada como candidata à Presidência pelo PSB. Disponível em:

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/eleicoes-2014/noticia/2014/08/marina-silva-e-confirmada-como-candidata-a-presidencia-pelo-psb-4579698.html>. Acesso em 1 jul 2015.

<sup>6</sup> Fotos da cronologia de Ana Paula Valadão Oficial. Disponível em:

<https://www.facebook.com/anapaulavaladaodtofcial/photos/a.111158718969076.25290.101580453260236/696514590433483/?type=1>. Acesso em 1 jul 2015.

Seria cômodo, tal qual fez a revista *Veja* em seu site oficial, no dia 28 de agosto de 2014<sup>7</sup>, definir que o voto evangélico seria decisivo para eleger Marina no segundo turno, alardeando uma preferência do eleitorado evangélico pela ex-senadora. Porém, considerando que esse tipo de legitimação se dá apenas na experiência dos sujeitos, e fugindo dessa definição de verdades, é possível identificar, na publicação de Ana Paula, comentários como o de um seguidor da página: “Sou evangélico e fecho com #Dilma13”. O comentário teve 13 curtidas e 11 comentários, entre eleitores de Dilma e de Marina. Outro seguidor respondeu com o seguinte comentário: “Não perderei a oportunidade de colocar uma serva do Senhor naquela cadeira. Mas também acredito na capacidade administrativa da candidata”, evidenciando que a identificação religiosa era motivação para o seu voto em Marina, experiência não compartilhada pelo autor do primeiro comentário, que agradeceu as intervenções, sem entrar novamente na discussão religiosa: “Obrigado por todas as respostas, democracia se faz assim!” Outro comentário em resposta que se destaca é o de outra seguidora: “Sou 13 huruuu.... Vamos respeitar as opiniões. Marina e daqui do acre, mais to fora.” Além de também manifestar o voto em outra candidata, que não a da autora da publicação principal, ela ressaltou o fato de ser do mesmo estado de Marina Silva, o que, contra conclusões a que poderia chegar o senso comum, não a faria votar na ex-senadora. Por outro lado, outra internauta disse: “Amém, Ana, sou acreana, e sei da historia humilde da marina, e realmente quem é escolhido tem a marca”, destacando a identificação regional, com a história de vida da candidata e fazendo alusão também à religiosidade.

Outra seguidora da página replicou: “Uma pessoa que vota em um presidente que pode acabar com seu direito a profeçar a sua fé, só pode ter batido com a cabeça no chão ! Marina40”, trazendo uma questão não levantada na publicação de Ana Paula nem mesmo fundada em fatos concretos, uma vez que Dilma Rousseff, que no período de candidatura já governava o país há quase quatro anos, não registrou qualquer ação contra a liberdade religiosa em seu primeiro mandato, sendo o comentário fundado na experiência da autora.

Em outro momento, um seguidor uniu-se aos que discordaram da publicação: “Gosto muito de você Ana Paula Valadão, mas vejo que suas escolhas políticas são equivocadas, sou Evangélico, gosto muito do DT, mas voto Dilma!” Em posicionamento distinto, outra seguidora questionou a religiosidade da candidata e o voto de Ana Paula, atentando para posições que ela considera anticristãs do vice Beto Albuquerque: “Sera que a ana paula nao sabe que o vice da marina e a favor do aborto e legalizacao da maconha eu nao voto nessa mulher duvido ela ser crista de verdade”. Sem declarar seu voto, uma outra internauta se

<sup>7</sup> Voto evangélico seria decisivo para eleger Marina no 2º turno. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/evangelicos-turbinam-projeto-da-terceira-via>. Acesso em 1 jul 2015.



posicionou contra Marina e Dilma: “Todos deveriam pesquisar mais sobre a marina ela apóia o casamento homossexual, aborto...e o socialismo... O marido pertence ao PT... ela e o plano B de lula caso Dilma não ganhe, mais uma vez o Brasil vai pagar um alto preço se não abrir os olhos... Não vote Dilma e nem marina ambas estão direta e indiretamente aliadas ao Pt!!!”

Houve também quem questionasse a adesão pública de Ana Paula à campanha de Marina, justamente por ela ser uma celebridade que ocupa lugar de visibilidade. Uma seguidora da página publicou: “Você é uma figura pública. Muitos te seguem. Não é justo fazer campanha para nenhum político e nenhum partido.” Outra internauta defendeu o direito de Ana Paula declarar seu voto: “Deixem de besteira, a Ana Paula Valadão Oficial vota em quem ela quiser, coloca no face dela quem ela quiser e da opinião no face porque é dela, ninguém tem nada a ver com isso. se vcs vão votar em outros, façam como ela, coloquem fotos ou comentem sobre outros candidatos no seu face e ninguém vai ter nada a ver com isso. O face é dela e ela coloca o que ela quiser, deixem de besteira, repito, deixem de tanta besteira !!! Vá procurar orar pra que seja feita a vontade do Senhor na nossa nação e parem de dar opinião na vida da Ana. BOM DIA.” Em posicionamento bem distinto, outro seguidor da página demonstrou sua decepção com o nível dos comentários: “Todos temos direito de expressar nossas opiniões, mas me sinto realmente mt triste de ver o "Povo de Deus" se agredindo em alguns comentários. Não podemos agredir nossos irmãos cm insultos só pq não concordamos cm suas opiniões.. A Palavra de Deus tbm nos ensina a sermos educados e mansos e a ter um Espírito de Paz, por isso somos Crentes.. Somos todos do exército de Deus, e um exército não atira contra o seu próprio soldado.. Que Deus abençoe a todos nós cm seu imenso AMOR.. Amém!!” A separação entre religião e política também foi destacada em um comentário: “Eu acho que nao devemos misturar religião com politica viu Ana Paula. A biblia fala sobre isso abre o olho!”, disse outro seguidor.

Essa divergência de posicionamentos apontada ilustra a inexistência de verdades absolutas, rejeitadas pelos autores pragmatistas, evidenciando também o caráter de legitimação dessas verdades e certezas apenas por meio da experiência de cada indivíduo. No lugar de “verdade”, Dewey utiliza o termo “assertibilidade garantida” (*warranted assertibility*), uma vez que, para ele, é preciso “tentar compreender como crenças autênticas acerca da existência podem operar proveitosamente e eficazmente em relação aos problemas práticos que são urgentes na vida real” (*apud* Pogrebinschi, 2005, p. 37). Nesse sentido, a verdade estaria ligada à experiência, tomando corpo para o sujeito quando da sua necessidade de encontrar soluções.

### 3.1.2 *Consequencialismo*

O eixo consequencialista do pragmatismo revela uma ênfase no futuro e na orientação no sentido prático. Em suma, nas consequências que atos, objetos, ideias são capazes de gerar: Pogrebinschi destaca que “é para o futuro que o pragmatista olha e é para lá que ele se direciona” (Pogrebinschi, p. 38). Nessa perspectiva, a publicação que tomamos como ponto de partida para esta análise despertou, além das reações imediatas, por meio de comentários, algumas repercussões nos dias que se seguiram.

A foto de Ana Paula Valadão com o mesmo penteado de Marina Silva foi apropriada, dois dias depois da publicação, pela campanha da candidata, que publicou, no perfil oficial do Instagram da ex-senadora (@\_marinasilva\_), montagem com nove fotos de pessoas utilizando coque: uma delas, a própria Marina Silva, e outra, Ana Paula Valadão. Na montagem, além das fotos, foram adicionadas as hashtags #coquetanamoda e #soumarina40. Republicada por Ana Paula em seu perfil oficial no Facebook com a legenda “Olhem que legal!”<sup>8</sup>, a foto obteve 199 compartilhamentos e 2.350 curtidas, suscitando novamente centenas de comentários, tanto de aprovação, quanto de discordância e de indiferença. Em meio a inúmeras análises de cunho político e religioso, um seguidor da página escolheu atentar para as qualidades do penteado: “Já Postei a minha foto com o tag, apoiadíssimo essa campanha!! O coque além de ser um penteado super prático é bonito”. Uma internauta seguiu a mesma linha, porém demonstrando reprovação: “Aff!!!! Penteado feio.”

Muito além da declaração pública de voto, evidenciada pela foto utilizada na montagem, a republicação de um material oficial de campanha feita por Ana Paula em sua página direcionou alguns comentários para questões como a do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Demonstrando enxergar Marina Silva como religiosa e sem separar a política da religião, algumas pessoas alertaram Ana Paula Valadão que a candidata seria favorável ao “casamento gay”. Uma das seguidoras da página publicou: “No programa de governo da Marina Silva ela apoia o casamento gay e ela quer articular no legislativo a votação do PL 122/06. Vejam seu programa de governo <http://marinasilva.org.br/programa/#>”. Outra seguidora questionou: “E o que me dizem disto? <http://www1.folha.uol.com.br/.../1508239-em-programa-de...>” Alguns dias depois, em 30 de agosto, após ser atacada por outras lideranças evangélicas, como o pastor Silas Malafaia<sup>9</sup>, Marina alterou o programa de

<sup>8</sup> Foto da cronologia de Ana Paula Valadão Oficial. Disponível em:

<https://www.facebook.com/anapaulavaladaodtofcial/photos/a.111158718969076.25290.101580453260236/697636276987981/?type=1>. Acesso em 1 jul 2015.

<sup>9</sup> Refém de Malafaia, em menos de 24 horas Marina volta atrás e muda programa de governo. Disponível em: <http://www.viomundo.com.br/politica/marina-volta-atras-exclui-casamento-gay-e-criminalizacao-da->

governo, recuando em relação a questões progressistas relativas aos direitos LGBT<sup>10</sup>. Esse exemplo, longe de esgotar as possibilidades de leitura, revela um desenrolar e desdobramentos futuros de ações junto ao eleitorado evangélico que propiciaram o crescimento da candidatura de Marina Silva: em um primeiro momento, houve a adesão; em outro, as pressões; e, conseqüentemente, as concessões.

### 3.1.3 Contextualismo

Para o pragmatismo, o contextualismo refere-se à interação entre os sujeitos e o ambiente; na importância de se olhar para o contexto que cerca a prática dos indivíduos, com destaque para o âmbito social, ou seja, para a comunidade na qual eles estão inscritos. Para Dornelas (2013, p. 9), “trata-se de reivindicar consideração às crenças políticas, religiosas, científicas, enfim à cultura da sociedade e às relações que mantém com as instituições e as práticas sociais.”

A este corpo de crenças, o pragmatismo chama de experiência (...) e a experiência é o mais abrangente dos contextos. (...) Ainda, no centro dessa ideia, vale dizer, no centro do contextualismo pragmatista está o conceito de investigação e, mais especificamente, de comunidade de investigação. (POGREBINSCHI, 2005, p. 49)

Dessa maneira, ao olhar para a adesão pública de Ana Paula Valadão à campanha de Marina Silva, e seus desdobramentos, não se pode ignorar o contexto em que ela está inserida. Filha de pastores, ela foi criada pelos pais na Igreja Batista da Lagoinha, em Belo Horizonte, da qual é pastor e onde fundou, em 1998, o grupo musical Diante do Trono, do qual é líder.

As publicações de apoio a Marina Silva que utilizamos aqui fazem parte de um contexto, no qual se insere também o vídeo cujo trecho citamos na abertura deste trabalho. O vídeo foi gravado em um culto, entre o fim de agosto e o início de setembro de 2014. Eis o trecho:

*Envie teu povo para toda parte desta sociedade e nós ousadamente declaramos que iremos sim para aquela área mais temida das trevas para que a nossa invasão venha mudar a história. Nós estamos indo Satanás para a política brasileira e as portas do inferno não prevalecerão contra a igreja do Senhor. Sai, vai pra fora Igreja, vai para os lugares mais escuros enviar a tua luz, é chegada a tua hora, é chegada a hora da igreja.*

Em sua fala, Ana Paula caracteriza sua visão de política, fundada no contexto religioso, não considerando a laicidade do Estado e “profetizando” uma “invasão” da “igreja do Senhor” na política, um dos “lugares mais escuros” da sociedade. É nesse mesmo contexto que dá a

---

[homofobia-de-plano.html](#). Acesso em 1 jul 2015.

<sup>10</sup> Marina Silva volta atrás sobre casamento gay. Disponível em:

<http://noticias.band.uol.com.br/eleicoes/2014/presidenciais/10000704710/marina-silva-volta-atras-sobre-casamento-gay.html>. Acesso em 1 jul 2015.

declaração pública de voto de Ana Paula em Marina Silva e a conseqüente apropriação da campanha oficial da imagem da cantora do Diante do Trono que demonstramos aqui.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sem a pretensão de esgotar a discussão, nos propusemos, neste artigo, a analisar à luz do pragmatismo, o acontecimento de adesão da cantora Ana Paula Valadão à candidatura de Marina Silva à presidência do Brasil, em 2014. Escolhemos olhar para uma publicação na página oficial da pastora no Facebook, que se desdobrou em material de campanha, e suscitou comentários diversos, em número e posicionamento.

Pudemos perceber que a noção de experiência, raiz do pragmatismo, aparece ligada ao conceito de acontecimento, e, por meio dos três eixos que compõem o núcleo comum pragmatista elencados por Pogrebinschi (2005), analisamos algumas interações estabelecidas entre o público de Ana Paula e a cantora nas duas publicações na rede social. Em relação ao primeiro eixo, o antifundacionalismo, percebemos, por meio de comentários com posicionamentos distintos, a inexistência de verdades fundamentais e a construção de opiniões e certezas ligadas à experiência de cada indivíduo. O segundo eixo, do consequencialismo, nos ajudou a observar os desdobramentos do acontecimento e de suas reverberações na campanha de Marina Silva e na própria publicação. Por fim, o terceiro eixo, do contextualismo, nos ajudou a perceber a importância do âmbito social que o indivíduo está inserido na sua própria experiência.

Dessa maneira, acreditamos que este trabalho ajuda a ilustrar o potencial do pragmatismo nas análises acerca dos acontecimentos e das celebridades, ao evidenciar desdobramentos práticos da relação entre acontecimento e o conceito de experiência dos pragmatistas, por meio dos três eixos trabalhados aqui: antifundacionalismo, consequencialismo e contextualismo.

#### **Referências bibliográficas**

DEWEY, J. Ter uma experiência. In: \_\_\_\_\_. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, p. 109-141, 2010.

DIANTE DO TRONO. Ministério de Louvor. História do DT. Disponível em: <<http://www.diantedotrono.com/categoria/historia-do-dt/>>. Acesso em 01 jul. 2015.

DORNELAS, R. Experiência, investigação e ação: contribuições do pragmatismo para a análise do acontecimento midiático. Intercom, 2013.

FRANÇA, V. Celebidades: identificação, idealização ou consumo? In: FRANÇA, V., FREIRE FILHO, J., LANA, L., SIMÕES, P. G. (Orgs.). Celebidades no Século XXI: transformações no estatuto da fama. Porto Alegre: Sulina, 2014.

FRANÇA, V.; ALMEIDA, R. O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso. In: Contemporânea – Comunicação e Cultura, v. 6, n. 2, 2008.

GHIRALDELLI, P. O que é pragmatismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

MEAD, G. H. Mind, self and society – from the Standpoint of a Social Behaviorist (Edited by Charles W. Morris). Chicago: University of Chicago, 1934. Disponível em: [http://www.brocku.ca/MeadProject/Mead/pubs2/mindself/Mead\\_1934\\_toc.html](http://www.brocku.ca/MeadProject/Mead/pubs2/mindself/Mead_1934_toc.html)

POGREBINSCHI, T. Pragmatismo: teoria social e política. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

QUÉRÉ, L. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: FRANÇA, V.;

OLIVEIRA, L. (Orgs.). Acontecimento: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.  
\_\_\_\_\_. Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento. In: Trajectos: Revista de Comunicação, Cultura e Educação, n. 6. Lisboa, ISCTE, Casa das Letras, 2005.

SIMÕES, P. G. O acontecimento e o campo da Comunicação. In: FRANÇA, V., ALDÉ, A., RAMOS, M. C. (Orgs.). Teorias da Comunicação no Brasil: reflexões contemporâneas. Salvador – Brasília: Edufba - Compós, 2014.

\_\_\_\_\_. A potencialidade do conceito de Acontecimento para a análise da imagem pública das celebridades: Ronaldo, o Fenômeno, e seu casamento com Daniella Cicarelli. Líbero (FACASPER), v. 14, p. 129-140, 2011.

\_\_\_\_\_. A mídia e a construção das celebridades: uma abordagem praxiológica. Logos (UERJ), v. 31, p. 64-76, 2009.